

BAILE PERFUMADO: RETOMADA DO CINEMA PERNAMBUCANO

PERFUMED DANCE: RETURN OF PERNAMBUCANO CINEMA

Maria das Graças dos Santos Correia

Universidade Federal de Alagoas
gal_corsantos@hotmail.com

RESUMO: Este estudo objetiva refletir sobre a realidade estética e social contemporânea, partindo da análise das obras fílmicas do novo cinema pernambucano. Fazemos um percurso histórico do cinema em Pernambuco. Para tal, partimos das pesquisas acerca do início do cinema em Pernambuco, por volta de 1922, a partir do chamado “Ciclo do Recife”, passando pela segunda metade da década de 1950, quando surgiu o Cinema Novo. Com o fim do Cinema Novo, surge, a partir de 1970, o chamado Cinema Marginal, que dá continuidade à postura contestatória e ao privilégio das questões político-sociais anteriormente defendidas. Ainda na década de 1970, teve início o movimento chamado “Ciclo do Super-8”. A partir do percurso histórico desse novo modo de fazer cinema, tomamos como ponto de partida para a pesquisa o filme “O Baile Perfumado”, de 1996, com direção conjunta de Lírio Ferreira e Paulo Caldas. Seu lançamento marcou os novos caminhos do cinema brasileiro, apresentando uma estética que se distancia das comédias urbanas de inspiração televisiva, que eram exploradas até então. Neste sentido, ele representa um certo marco histórico do novo do cinema pernambucano, mais de 20 anos após seu lançamento, obra que ainda é vista como uma universidade de cinema para toda uma geração.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema pernambucano; Cinema; Filme.

ABSTRACT: This study aims to reflect on contemporary aesthetic and social reality, starting from the analysis of the film works of the new Pernambuco cinema. We do a historical course of cinema in Pernambuco. For that, we start with the research about the beginning of cinema in Pernambuco, around 1922, from the so-called "Recife Cycle", through the second half of the 1950s, when Cinema Novo appeared. With the end of Cinema Novo, the so-called Marginal Cinema emerges, starting in 1970, which gives continuity to the contestatory stance and the privilege of previously defended social-political issues. Even in the 1970s, the movement called "Super-8 Cycle" began. From the historical route of this new way of making movies, we take as a starting point for the research the movie "The Perfumed Ball", of 1996, with joint direction of Lírio Ferreira and Paulo Caldas. Its launch marked the new paths of Brazilian cinema, presenting an aesthetic that distances itself from the urban comedies of television inspiration, that were exploited until then. In this sense, it represents a certain historical landmark of the new Pernambuco cinema, more than 20 years after its launch, a work that is still seen as a film university for a generation.

KEYWORDS: Pernambuco Cinema; Movie theater; Movie.

INTRODUÇÃO

Este estudo é parte das pesquisas realizadas pelo grupo de pesquisa intitulado: “Estudos poéticos do sertão”, com a coordenação do professor doutor Marcos Alexandre de Moraes Cunha, com o estudo do projeto intitulado de “A poética do sertão no cinema nacional” na instituição de ensino Universidade Federal de Alagoas (UFAL), *Campus* do sertão, unidade de Delmiro Gouveia - AL, o qual visa à reflexão sobre a realidade estética e social partindo da análise do cinema brasileiro e sua relação com a arte literária.

Temos como objetivo principal proceder um levantamento dos dados cinematográficos de caráter estético e sociocultural representativos do cinema pernambucano. Neste sentido, nosso *corpus* de pesquisa centra-se na investigação análise das obras fílmicas do cinema em Pernambuco. Uma vez que o cinema pernambucano tem se destacado na história do cinema nacional, a partir de cineastas dispostos a mostrar a cultura e as realidades socioculturais, do sertão ao urbano, com características próprias e uma variedade incrível de estilo de abordagem.

Para tal, fazemos um percurso histórico do cinema em Pernambuco, abordando os principais movimentos culturais que impulsionaram o cinema. Partimos desde a chegada do cinema em Recife na década de 1920, a partir do movimento chamado “Ciclo do Recife”, que trouxe uma revolução cinematográfica, despertando o interesse dos pernambucanos pelo cinema através da produção de alguns filmes mudo.

Com o fim do Ciclo do Recife, Pernambuco produziu poucos filmes, até o advento de outro movimento intitulado “Ciclo do Super-8 na década de 1970. Com o fim do Super-8, em meados da década de 1980, surgiram vários cineastas, porém não foram produzidos muitos filmes. A partir do percurso histórico desse novo modo de fazer cinema nacional, tomamos como ponto de partida para a pesquisa o filme “O Baile Perfumado”, de 1996, com direção conjunta de Lírio Ferreira e Paulo Caldas. O longa é tido como o marco histórico da retomada do cinema pernambucano, marcando os novos caminhos, não apenas do cinema em Pernambuco, mas de todo o cinema nacional, apresentando uma estética que se distancia das comédias urbanas de inspiração televisiva, que eram exploradas até então. A partir dessa retomada, as produções cinematográficas têm uma maior liberdade de produção, a qual dá ênfase às questões político-sociais.

Ciclo do Recife (1923 a 1931)

O cinema começou a fazer parte do cotidiano pernambucano a partir da década de 20 com o movimento do Ciclo do Recife, no qual um grupo de jovens cineastas começaram as filmagens do cinema mudo em Pernambuco. Eles eram

apoiados, apenas, pela coragem e irreverência deles próprios, com isso, aos poucos ganharam espaço e aceitação das suas produções na sociedade.

Durante esse período foram produzidos 13 longas-metragens e outros 5 ficaram inacabados, as produções envolveram 8 diretores. Cerca de 30 pessoas participaram dessa empreitada, atraídos pela arte cinematográfica, entre eles haviam jovens jornalistas, servidores públicos e comerciantes. Também, foram fundadas 9 produtoras: Aurora Filme, Planeta Filme, Iate Filme, Veneza Filme, Vera Cruz Filme, Liberdade Filme, Olinda Filme, Sociedade Pernambucana de Indústrias Artísticas (Spia Filme) e Goiana Filme. Todas faliram posteriormente.

Dentre os longas produzidos durante o movimento estão: Retribuição e Um ato de Humanidade (1923); Jurando Vingar, Aitaré da praia, Filho sem mãe, História de uma alma Grandezas de Pernambuco (1925); Carnaval pernambucano, Herói do século XX, Sangue de irmão (1926); Filha do advogado, Dança, Amor e Ventura, Chagada de Jau a Recife, O progresso da ciência medica, Reveses (1927); Aitaré da praia- segunda versão (1928); Destino das rosas 91929); No cenário da vida (1930).

Apesar da grande repercussão nacional do cinema mudo, com a chegada dos filmes sonoros de origem norte americana, as produções do Ciclo do Recife entraram em declínio. Pois, o advento do som aumentou os custos de produção e exigia modificações nas salas de exibições, com a frágil estrutura local implantar tais recursos. Sendo assim, devido a diversos fatores como o econômico, a competitividade do mercado cinematográfico e o surgimento do cinema sonoro acarretou na falência, não só do cinema pernambucano, mas do cinema brasileiro.

Período após o Ciclo do Recife

Durante um período de tempo muito grande as produções cinematográficas nacionais sofreram uma grande baixa. Porém, em de 1952 a 1972 houve, no Brasil o Movimento Cinema Novo, um movimento cultural que definiu os novos parâmetros para a elaboração de filmes nacionais, com a máxima “uma câmera na mão e uma ideia na cabeça”, os jovens cineastas passaram a produzir filmes cujo interesses centrais eram realizar um cinema de apelo popular, capaz de

discutir os problemas e questões ligadas à realidade nacional e o uso de uma linguagem inspirada em traços da nossa própria cultura. Nesse “novo modo de fazer cinema” predominavam os deslocamentos lentos e escassos da câmera, os ambientes desprovidos de luxo, o destaque conferido aos diálogos, personagens principais dos filmes, muitos deles filmados em preto e branco. Durante esse período foram produzidos diversos filmes, dentre eles, as adaptações dos clássicos da Literatura brasileira ganharam grande destaque nacional como: *Vidas Secas* (1963), de Nelson Pereira dos Santos, adaptação do livro homônimo de Graciliano Ramos (1938); *São Bernardo* (1971) de Leon Hirszman, adaptação também de Graciliano (1934); *Macunaíma* (1969), de Joaquim Pedro de Andrade, adaptado da obra homônima de Mario de Andrade (1928), entre outros.

Os ideais do Cinema Novo eram defendidos, principalmente, pelos cineastas cariocas e baianos. Os diretores mais conhecidos neste momento do cinema nacional eram: Glauber Rocha, Nelson Pereira dos Santos, Joaquim Pedro de Andrade, Carlos Diegues, Paulo Cesar Saraceni, Leon Hirszman, David Neves, Ruy Guerra e Luiz Carlos Barreto.

Apesar da grande repercussão e aceitação do cinema durante o movimento, no período entre 1931 e 1969, o cinema pernambucano teve uma baixa considerável na produção de filmes.

Em 1942 foi lançado “O coelho sai” no melhor cinema da cidade, o Art Palácio, o primeiro filme falado pernambucano, dirigido, revelado, montado e sincronizado por Firmo Neto, porém sua repercussão não foi das maiores. O pouco que se sabe sobre o filme é que se tratava de um dramalhão ao estilo do teatro de revista, intercalando imagens da cidade com musicais, pois, a única cópia, existente da obra se perdeu durante um incêndio.

Ciclo Super-8 (1973 a 1983)

O movimento Super-8 teve início em Pernambuco na década de 70, com duração de aproximadamente 10 anos, apesar do pouco tempo, teve tanto destaque na cinematografia quanto o Ciclo do Recife. O Super-8 tinha, como uma de suas características, o caráter de um cinema doméstico, o qual

possibilitou essa numerosa produção de filmes, pois os cineastas podiam fazer seus filmes, filmar, revelar e montar de forma caseira, com pouco orçamento.

Apesar das produções terem propostas estéticas individualizadas, devido os diferentes diretores, havia uma estrutura de cooperação entre os cineastas, ocasionado por alguns pontos em comum: eram grupos de jovens ligados pela idade, pela amizade, pela cultura, pelas ideologias e política. Com isso, as obras variavam entre três eixos temáticos: documentários sobre a cultura rural nordestina; ficções de denuncia das injustiças sociais; filmes voltados para a crítica da cultura e temas existenciais urbanos.

Entre os superoitistas pernambucanos estão: Jomard Muniz de Brito, Geneton Moraes Neto, Fernando Spencer, Celso Marconi, Walderes Soares, Paulo Menelau, entre outros. Dentre eles, Spencer foi considerado o maior produtor e incentivador do Grupo Super 8, ele produziu cerca de 36 filmes documentários baseados em temas de manifestações culturais pernambucana.

Dentre as várias obras cinematográficas do ciclo, destacamos: *El barato* (1972) de Katia Mesel ; *Valente é o galo* (1974) de Fernando Spencer; *O palhaço degolado* (1976) de Jomard Muniz de Brito; *A feira de Caruaru* (1976) de Flávio Rodrigues; *Robin Hoollywood* (1977) de Amin Stepple; *Esses onze aí* (1978) de Geneton Moraes Neto e Paulo Cunha; *Tambor Brasil* (1979) de Paulo Cunha e *O coração do cinema* (1980) de Paulo Cunha e Geneton Moraes Neto, filmados em 16mm; *Morte no Capibaribe* (1983) de Paulo Caldas, foi o último filme do ciclo.

A partir dos anos 80 foram surgindo as produções em vídeos cassete, com esse advento, o Super 8 foi perdendo força.

Cinema contemporâneo

De 1983 a 1988, foram produzidos, em Pernambuco, por volta de 15 filmes, entre curtas e médias e longas metragem. A maioria, projetos aprovados nos editais de financiamento da Embrafilme e pelos júris do Conselho Nacional de Cinema (Consine).

Também contribuiu, nesse processo, a Lei do Curta, aprovada em 1975 e regulada diversas vezes pelo Concine, que tornava obrigatória a exibição de um "filme nacional de curta-metragem, de natureza cultural,

técnica, científica ou informativa” antes da projeção de um longa-metragem estrangeiro. A demanda acaba estimulando o ressurgimento de produtoras profissionais em Pernambuco. Entre os exemplos, a Center Produções, parceira frequente de Fernando Spencer, e a Arrecife Produções, fundada pela ex-superoitista Kátia Mesel em sociedade com o marido, Sany Lafon. (2015, p. 90)

A primeira produção foi de curta sobre “Bajado, um Artista de Olinda” (1985). No mesmo ano, lançaram “Oh de Casa” (1985) baseado na obra de Gilberto Freyre para rodar. Recebeu, no ano seguinte, o prêmio do Concine pelo registro de uma apresentação de mamulengo no filme “Olinda Só Riso”. Ainda em 1986, o média-metragem “Sulanca”, mostrou o trabalho das mulheres no polo de confecções de Santa Cruz do Capibaribe, cidade que também foi cenário para o filme seguinte, São João em Santa Cruz (1987).

Em meio à crise ocorrida no início da década de 90, o cinema teve que parar suas atividades e os projetos que estavam em andamento foram interrompidos por causa da suspensão do repasse de verbas. Em Recife, estavam sendo rodados “O Crime da Imagem” e “Soneto do Desmantelo Blue” de Lírio Ferreira e Cláudio Assis eles tiveram que recorrer a acordos de permuta com laboratórios para manter as produções em andamento e, mesmo assim, só foram lançados em 1992 e 1993, respectivamente. Nesse período o cinema nacional chega ao fundo do poço devido à crise instalada no país.

O Baile Perfumado

Em 1996, surge “Baile perfumado” de Lírio Ferreira e Paulo Caldas, grande marco da retomada do cinema pernambucano. Após um período de quase duas décadas sem gravar um filme de longa duração em Pernambuco, todos os que estavam envolvidos na produção de curtas na década de 80, como: Paulo Caldas, Lírio Ferreira, Claudio Assis, Marcelo Gomes, Adelino Pontual, Valéria Ferro, Hilton Lacerda, entre outros, voltaram e se reuniram para a produção do “Baile”.

“Baile Perfumado teve esse aspecto marcante da reunião de pessoas. Foi uma espécie de transe, estávamos todos apaixonados, todos tínhamos uma relação visceral com o que estava sendo feito ali, era preciso que aquilo desse certo. Havia um cuidado, uma atenção, uma dedicação total. Baile não é um filme de autor, não é de jeito nenhum um filme apenas meu e do Lírio, mas o resultado desse grupo. É uma maneira de fazer cinema que eu gostaria de continuar buscando, mas

não sei se ainda será possível”, declara Paulo Caldas. (Mansur, 2009, p. 42)

Eles estabelecem, a partir daí uma relação afetiva, pessoal e interlocuções profissionais, uns trabalham nos filmes dos outros.

O filme conta a história de Virgulino Ferreira (Luiz Carlos Vasconcelos), o Lampião, através da biografia do fotógrafo libanês Benjamin Abrahão (Duda Mamberti), que foi secretário do Padre Cícero (Jofre Soares) - um outro mito do povo nordestino. A história é contada a partir da morte de Padre Cícero, em 1934, e se estende até 1938, ano do assassinato de Lampião. Benjamin Abrahão decide filmar Lampião e todo seu bando, pois acredita que este filme o deixará muito rico. Após alguns contatos iniciais ele conversa diretamente com o famoso cangaceiro e expõe sua ideia, após algumas tentativas consegue convencer o cangaceiro a deixá-lo filmar a rotina do bando, ele passa algum tempo acompanhando Lampião e grava vídeos e fotos dos cangaceiros. Mas o filme, que registra a vida no Cangaço, é proibido pelo governo de Getúlio Vargas e os sonhos do mascate são prejudicados pela ditadura.

O sertão que surge em Baile Perfumado, no entanto, não é o sertão estéril e isolado da literatura regionalista de Graciliano Ramos ou da tradição do cangaço no cinema, inaugurada pelo próprio Abrahão; mas, sim, uma paisagem marcada pelo verde e aberta ao mundo, conectada diretamente às cidades do litoral. O Lampião criado também não é o bárbaro brutal, mas um homem vaidoso, o apreciador de perfumes e *whisky* importado que leva a mulher, Maria Bonita, para assistir ao filme A Filha do Advogado em um cinema da Capital Pernambucana (PUGLIA, 2015, p. 105).

Baile Perfumado mostra um Lampião mais vaidoso, que se deslumbra com os primeiros artigos de modernidade no sertão, coisas como o uísque escocês, a máquina fotográfica e o perfume francês, que ele utilizava nos bailes em que promovia no mato com o seu bando. Um personagem diferente daquele lembrado por tiros e emboscadas.

FIGURA 01: Lampião e M. Bonita no cinema



FIGURA 02: Lampião e parte do bando



Fonte: Cenas do filme Baile perfumado

O Baile Perfumado já encantou a crítica desde o seu início, quando mostrou ousadia no domínio de linguagem na sequência inicial da morte do Padre Cícero o que mostra uma forte personalidade e identidade regionais que tem durante todo o filme. Outro ponto forte do filme são as paisagens naturais em que as cenas foram gravadas. Os cineastas buscarem reproduzir as paisagens reais em que o Cangaceiro, gravando o longa nos mesmos locais em que eles passaram em vida. Foram feitas locações durante as gravações na cidade de Piranhas- Alagoas, tendo em vista que boa parte da sua vida, os cangaceiros passaram e se alojaram nessa região.

Outra abordagem real no filme, são as fotos originais que Benjamim Abraão tirou de Lampião e seu bando em vida, as fotos são exibidas durante o filme.

FIGURA 03: Lampião e Benjamim no filme



Fonte: cena do filme Baile perfumado

FIGURA 04: Lampião e Benjamim em 1937



Fonte: <http://lounge.obviousmag.org>

FIGURA 05: Bando de Lampião no filme



FIGURA 06: Bando de Lampião em 1937



Fonte: cena do filme *Baile perfumado* <http://plahistoriapro.blogspot.com.br>

Como podemos ver nas imagens (figuras 03, 04, 05 e 06), algumas cenas do filme foram reproduzidas bem parecidas com as fotos tiradas pelo fotógrafo libanês, o que mostra a preocupação dos produtores do filme em retratar a cultura da região através da história de Lampião no filme.

A música de Chico Science atualiza a tradição na fusão que promove entre os ritmos tradicionais e o pop. Os cineastas buscaram os músicos do *Manguebeat* na composição do filme, pois, eles compartilhavam dos mesmos códigos culturais, valores sociais e afeições, ou seja, assim como os *mangueboys*, os cineastas buscavam um olhar para frente e ao mesmo tempo olhar para trás, resgatando elementos culturais regionais aliados a linguagem da cultura contemporânea.

As cenas que mostram as paisagens do Sertão são acompanhadas pela música *Manguebeat* e se revelam como o início de um cinema que busca inspiração em histórias reais para ilustrar seus enredos, principalmente aquelas ambientadas em lugares pouco observados, visitados ou evitados, como a realidade das paisagens da caatinga no Sertão.

Cinema pernambucano após O Baile Perfumado

A partir desse projeto, foram produzidos diversos filmes com financiamento pernambucano: O rap do pequeno príncipe contra as almas sebosas (2000) de Paulo Caldas e Marcelo Luna; Amarelo manga (2003) de Claudio Assis; Cinema, Aspirinas e Urubus (2005) de Marcelo Gomes; Árido

movie (2005) de Lírio Ferreira; *Baixio das bestas* (2006) de Claudio Assis; *Deserto feliz* (2007) de Paulo Caldas; *O Som ao Redor* (2012) de Kleber Mendonça Filho; *Febre do Rato* (2011) de Claudio Assis; *Tatuagem* (2013) de Hilton Lacerda; *Boi Neon* (2015) de Gabriel Mascaro; *Aquarius* (2016) de Kleber Mendonça Filho, entre outros.

Além dos prêmios nacionais, essas obras vêm ganhando destaque em premiações internacionais: *O rap do pequeno príncipe* no Festival de Veneza em 1999; *Amarelo manga* foi apresentado no Festival de Berlim em 2003; *Cinema, aspirinas e urubus* estreou no Festival de Cannes em 2005; *Árido movie* foi selecionado para o Festival de Veneza em 2005; *Baixio das bestas* teve a sua estreia internacional na 36ª edição do Festival Internacional de *Rotterdam*, na Holanda, e obteve o prêmio *Tiger* de melhor filme em 2006; *Deserto feliz* teve estreia mundial 57º Festival Internacional de Cinema de Berlim, dentro da mostra especial Panorama em 2007.

Após anos de decadência, o cenário cinematográfico pernambucano, começa a ser transformado de forma intensa pela nova concepção introduzida no estado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cinema é, por natureza, uma arte interdisciplinar estabelecendo uma relação mútua com a música, teatro, dança e literatura. Neste sentido, o cinema pernambucano, perpassa essa relação e aborda temas como: a vida social, a seca, o cangaço, a religiosidade, a fauna e a flora, dando identidade e poética ao cinema nacional. Ou seja, o cinema é, em sua essência, um dos maiores modos de expressão cultural da sociedade artística, industrial e tecnológica contemporânea. Produzir e reproduzir filmes é uma das mais renovadoras formas de compreender, aprender, ensinar e refletir sobre as expressões populares.

Nesse rico cenário artístico, Pernambuco é visto como um dos principais polos cinematográficos do país, destacando-se ainda pela qualidade da produção, reconhecida internacionalmente em festivais e pela imprensa especializada.

Para chegarmos a tal afirmação fizemos um estudo a partir do percurso histórico do cinema em Pernambuco, abordando os principais movimentos culturais que impulsionaram o cinema. Partimos desde a chegada do cinema em Recife na década de 1920, a partir do movimento chamado “Ciclo do Recife”, que trouxe uma revolução cinematográfica, despertando o interesse dos pernambucanos pelo cinema através da produção de alguns filmes mudo. Com o fim do Ciclo do Recife, Pernambuco produziu poucos filmes, até o advento de outro movimento intitulado “Ciclo do Super-8 na década de 1970. Com o fim do Super-8, em meados da década de 1980, surgiram vários cineastas, porém não foram produzidos muitos filmes. Até a retomada do cinema pernambucano em 1996, com o lançamento de “O baile perfumado” de Lírio Ferreira e Paulo Caldas. A retomada tem uma maior liberdade de produção, a qual dá ênfase às questões político-sociais.

Com o percurso histórico-cinematográfico do cinema pernambucano percebemos que as produções seguiram em frente graças as articulações em grupos que partilhavam das mesmas ideias, de cada movimento no decorrer da história. A partir do modo como esses grupos se articularam para a produção de um cinema autoral e da repercussão obtida pelas realizações desses grupos, configura-se os ciclos de cinema em Pernambuco.

Neste sentido a prática colaborativa, movido pela mesma paixão pela arte, e as trocas de experiências, atravessou a história do cinema pernambucano, pois era a única forma de produzir diante das dificuldades técnicas e econômica.

Podemos notar, também, essa prática colaborativa para a produção do longa Baile Perfumado, pois reuniu alguns dos maiores cineastas contemporâneos para sua realização, que representa o grande marco para a retomada de Pernambuco na cinematografia. O Baile Perfumado já encantou a crítica desde o seu início, quando mostrou ousadia no domínio de linguagem na sequência inicial da morte do Padre Cícero e na influência pop do faroeste no tiroteio. Ele mostra forte personalidade e identidade regionais do mangue beat na trilha, nas paisagens naturais.

Até hoje, o Baile Perfumado é visto como uma inspiração para toda uma geração. Nos últimos 20 anos, o cinema pernambucano ganhou em diversidade

e número de filmes produzidos, após anos de decadência, o cenário cinematográfico pernambucano, começa a ser transformado de forma intensa pela nova concepção introduzida no estado.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Mateus. **Nos 20 anos de 'Baile Perfumado', livro narra os bastidores do filme.** FOLHA DE SÃO PAULO. Disponível em: <http://m.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/08/1802852-nos-20-anos-de-baile-perfumado-livro-narra-os-bastidores-do-filme.shtml>. Acesso em: 27/10/2016.

BAILE PERFUMADO. Direção: Lírio Ferreira, Paulo Caldas. Produção: Lírio Ferreira, Paulo Caldas, Aramis Trindade, Germano Coelho Filho, Marcelo Pinheiros. Interpretes: Duda Mamberti, Jofre Soares, Cláudio Mamberti, Luiz Carlos Vasconcelos, Giovanna Gold, Aramis Trindade, Chico Dias. Roteiro: Lírio Ferreira, Paulo Caldas, Hilton Lacerda. Rio Filme, 1996. 93 min., cor.

CICLO DO RECIFE. **Ciclo do Recife (1923-1931).** Disponível em: <https://ciclodorecife.wordpress.com/ciclo-do-recife/>. Acesso em: 25/03/2017.

INFOESCOLA. **Cinema Novo.** Disponível em: <http://www.infoescola.com/cinema/novo/>. Acesso em: 21/04/2017.

PUGLIA, Leonardo Seabra. **O cinema em Pernambuco.** 2015. 165 f. dissertação (mestrado em ciências sociais) - Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Pontífice Universidade Católica do Rio de Janeiro- PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2015.

MANSUR, Amanda. **O novo ciclo do cinema em Pernambuco: a questão do estilo.** 2009. 160 f. dissertação (mestrado em comunicação) – Centro de Artes e Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

MARINHO, Carla. **História do cinema pernambucano.** Disponível em <http://cinemaclassico.com/curiosidades/historia-do-cinema-pernambucano/>. Acesso em: 09/05/2017.

OLIVEIRA, Daniel. **Cinema pernambucano no comando.** Disponível em: <http://www.otempo.com.br/divers%C3%A3o/magazine/pernambuco-no-comando-1.1347068>. Acesso em: 8/11/2016.

PAIVA, F. G.; GUERRA, J. R.; ALMEIDA, S. L. **Produção cultural “fora do eixo”:** O posicionamento do cinema pernambucano contemporâneo In: IV ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINAR EM CULTURA. 4, 2008. Salvador. Anais do IV ENECULT. Salvador: UFBa, 2008. 15 p.

SANTANA, Ana Lucia. **Cinema novo.** Disponível em: <http://www.infoescola.com/cinema/novo/>. Acesso em: 7/12/2016.

UOL ENTRETENIMENTO. **O novo cinema pernambucano.** Disponível em: <http://especiais.jconline.ne10.uol.com.br/o-novo-cinema-pernambucano/>. Acesso em: 05/04/2017.

Recebido em 28 de julho de 2018.
Aceito em 30 de setembro de 2018